

# Ecce guri: Nietzsche nas autobiografias juvenis<sup>1</sup>

*Ecce guri:  
Nietzsche in the youth autobiographies*

Stefano Busellato<sup>2</sup>

## Resumo

O trabalho analisa o gênero autobiográfico nietzschiano a partir dos primeiros escritos juvenis. Por meio destes, estuda-se a temática da construção de si e o papel que a capacidade de autocrítica e a atividade artística nela possuem.

**Palavras-chave:** Autobiografia. Construção de si. Escritos juvenis. Escrita. Poesia.

## Abstract

The work analyzes the Nietzschean autobiographical genre from the earliest youth writings. Through these, we study the theme of self-construction and the role that the capacity for self-criticism and artistic activity play in it.

**Keywords:** Autobiography; Self-construction; Youth writings. Writing. Poetry.

---

*Após uma reflexão madura  
Preferirei fazer a viagem de retorno  
Ao país da infância com Jean Paul  
Antes que com Sigmund Freud.  
(Karl Kraus)*

1. Afrontar o tema da escrita de si em Nietzsche significa, antes de tudo, reconhecer na sua obra e no seu pensamento um teor autobiográfico fora do comum.

Isso frequentemente tem causado equívocos relevantes. Leitores e comentadores caem facilmente na tentação de interpretar as páginas nietzschianas à luz do dado biográfico, que, sendo sempre exegeticamente arriscado, caso não seja usado com as devidas precauções, mais que iluminar, pode levar ao turvamento da visão.

---

<sup>1</sup> Traduzido para o português por Anna Maria Lorenzoni

<sup>2</sup> Professor da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Toledo, PR, Brasil. E-mail: stefano.busellato@gmail.com

Assim, por exemplo, o colapso psíquico que pertence apenas ao punhado de dias compreendidos entre o fim de dezembro e o início de janeiro de 1889, tem sido arbitrariamente estendido à inteira obra, vendo nesta os traços da insanidade mental. Especulações privadas de importância sobre preferências sexuais do autor valem-se como explicações da sua filosofia. Relações pessoais dificilmente reconstruíveis sem se adentrar em puras invenções se tornam elementos privilegiados para explicar percursos intelectuais e escolhas teóricas.

O mal-uso ou o abuso do dado biográfico vale tanto para os detratores quanto para os estimadores. Não é raro, de fato, ver surgir, das vicissitudes conhecidas de Nietzsche e das palavras de seus escritos sobre a própria vida, uma figura prodigiosa, de características sobrenaturais, a meia distância entre um herói de romance e um santo digno de veneração. Muitos foram aqueles que caminharam sobre a estrada aberta por Elisabeth<sup>3</sup>, sobre o qual a biografia se transmuta em hagiografia. Entre estes, há também intérpretes importantes, como, por exemplo, Ernst Bertram e Thomas Mann.

Sendo assim, é necessário compreender sobretudo a natureza do elemento autobiográfico nietzschiano e a ligação que este possui com relação ao pensamento do autor.

Uma natureza distante do gênero das confissões agostinianas ou rousseauanas, de certa forma semelhante a alguns elementos verificáveis no amado Montaigne, no qual a *écriture de soi* toma forma a partir de uma visão heraclitiana que faz do eu único instrumento similar ao mutável, capaz, portanto, mais do que qualquer outro, de apanhá-lo: “sou eu mesmo que me retrato [...] sou eu o assunto de meu livro”<sup>4</sup>, “não retrato o ser, retrato a passagem”<sup>5</sup>.

Como em Montaigne, também em Nietzsche o escrever de si é consequência de um olhar ontológico que percebe o devir onde se mostra essências estáveis, e é, por causa disso, denúncia epistêmica direcionada para desmascarar a inconsistência do querer abraçar cognoscitivamente o real mediante a *objetividade impessoal*: “Por mais que o homem possa se expandir com o seu conhecimento, aparecer para si mesmo objetivo: ao fim não poderia obter nada além da própria biografia intelectual” (HH I 513).

Tanto para Montaigne quanto para Nietzsche, o elemento autobiográfico desempenha, assim, uma função abertamente filosófica. Não é o demorar no refletir-se

---

<sup>3</sup> Sobre as apropriações indevidas da obra de Nietzsche feitas pela irmã, veja-se PETERS, Heinz Frederick. *La sorella di Zarathustra. La mistificazione di Elisabeth Förster-Nietzsche*. Milano: Pgreco 2017.

<sup>4</sup> M. de Montaigne, *Saggi*, I, «Ao leitor».

<sup>5</sup> *Ibidem*.

egótico ao espelho da escrita de si, é sustentáculo epistêmico que – partindo do si como metonímia das constantes e das variantes humanas – pode se alargar a um conhecimento mais amplo do outro e do exterior. “Cada homem traz em si a forma da inteira condição humana”, disse Montaigne. E tal é também a essência do método de investigação psicológica nietzschiana, voltada a identificar, como numa imagem de uma pessoa, as características que revelam o *tipo de vida* que exprime um autor, uma nação, um período histórico, uma cultura. Uma investigação psicológica que não pode nascer e se aperfeiçoar, senão a partir de uma refinada *introspecção*, alinhada ao mais alto preceito da sabedoria grega: *gnoti sauton*, de cuja autobiografia é, então, a resultante expressiva.

2. Mas conhecer a si mesmo, longe do fácil imediatismo com o qual parece se mostrar, é percurso, exercício, fastio. Se Heráclito dizia que “a qualquer homem é concedido conhecer a si mesmo e ser sábio”<sup>6</sup>, Kafka lamentava “quão miserável é o conhecimento de mim mesmo quando comparado, por exemplo, ao conhecimento do meu quarto!”<sup>7</sup>. Se Rousseau o definia como o “preceito mais importante e o mais difícil”<sup>8</sup>, Plutarco advertia que “se fosse mesmo para todos praticarem o ‘conhece-te a ti mesmo’, o dito não pareceria divino”<sup>9</sup>. E Nietzsche, por sua vez, anotou em um apontamento de 1880: “Todos os dias me espanto: *não conheço a mim mesmo!*” (FP 1880 7[39]).

É na aplicação diferente do “conhece-te a ti mesmo” que se encontra uma grande diferença entre o autobiografismo de Montaigne e aquele de Nietzsche: Montaigne inicia a análise de si mesmo quando se aposenta para a vida privada. Observa-se, registra-se, descreve-se, mas tem como material um si que, por mais mutável que seja, é definitivo e maduro. As páginas autobiográficas de Nietzsche, em vez disso, apresentam um nível *ulterior* àquele da observação: *conhecer* a si mesmo *escrevendo* sobre si mesmo, torna-se, para Nietzsche, o elemento fundamental do processo de *construir* a si mesmo.

Alcançar o “[*ich bin der und der*] sou isso e isso. E, sobretudo, não me tomem por outro” (EH Prólogo 1)<sup>10</sup>, que lemos na autobiografia da maturidade – que é *Ecce Homo* – é

<sup>6</sup> DK 22 B 116 [106].

<sup>7</sup> F. Kafka, *Aforismi e frammenti*, ed. it., BUR, Milano 2004, p. 127.

<sup>8</sup> J.J. Rousseau, *Origine della disuguaglianza*, “Prefazione dell’autore”.

<sup>9</sup> Plutarco, *Dem*, 3, 2.

<sup>10</sup> Leia-se também a carta na qual Nietzsche explicita as razões que o levaram a escrever *Ecce Homo*: “Trata com grande audácia sobre mim e meus escritos: com isso não apenas desejei me apresentar *antes* do terrível, solitário ato da *transvaloração* – me agradaria fazer uma vez um experimento sobre riscos que realmente corro, tendo em vista a ideia alemã de *liberdade de expressão* [...]. De resto, falo de mim mesmo com toda a “astúcia” psicológica e a serenidade possível – não desejo de maneira nenhuma me apresentar aos homens como profeta,

apenas o último passo de um percurso autobiográfico que atravessa os magistrais prefácios de 1886-87, a transfiguração de si que deu vida ao *Zarathustra*, os diversos aforismas que falam em primeira pessoa ou nos quais a primeira pessoa se esconde. Tudo isso possui como preciso e distante ponto germinal as páginas autobiográficas da própria juventude.

Um processo de construção de si é o que emerge nitidamente das autobiografias juvenis: sete textos intitulados “A minha vida”, que Nietzsche escreve ainda antes de entrar na universidade, precedidos pelas primeiras linhas de Nietzsche que preservamos autografadas – redigidas em 26 de dezembro de 1856, aos 12 anos de idade:

Finalmente tomei a decisão de ter um diário no qual confiar a memória de tudo aquilo que de triste e alegre atingir meu coração, de modo que, com o passar dos anos, eu possa retornar à vida e à atividade desta época e, sobretudo, recordar a *mim mesmo*. Que esta decisão não se abale, apesar dos notáveis obstáculos que se colocam. Mas desejo começar<sup>11</sup>.

Uma das características mais evidentes das primeiras anotações autobiográficas de Nietzsche é que elas não são apenas escritas, mas reescritas. Nestes, o mesmo episódio é exposto diversas vezes, com variações no repetido experimento de encontrar o melhor ângulo descritivo do eu sobre o acontecimento, ou seja, a tentativa de trabalhar a busca de uma forma sempre mais acurada de si próprio. Pode-se tomar como exemplo o episódio central de sua infância. A morte do pai.

A primeira nota na qual Nietzsche narra o evento é uma descrição voltada unicamente a retratar o genitor.

Meu pai era o perfeito retrato do pastor do campo! Dotado de coração e de intelecto, adornado de todas as virtudes de um cristão, levou uma vida tranquila e simples, mas feliz, e era amado e estimado por todos que o conheciam. Seus modos agradáveis e seu espírito sereno alegraram mais do que uma brigada, onde era convidado e, já num primeiro olhar, era querido em toda parte. [...] Em setembro de 1848, o meu amado pai repentinamente adoeceu <da mente> [...] amolecimento cerebral<sup>12</sup>.

Após, acrescentou-se o elemento da experiência pessoal que comportou o luto:

Meu amado pai abateu-se por uma doença grave e implacável. Assim, de repente a angústia e a ânsia tomaram o lugar da áurea paz serena, da felicidade familiar. Transcorreu algum tempo. Finalmente aconteceu o fato terrível: meu pai morreu! Ainda hoje aquele pensamento me causa uma angústia profunda; não havia me dado conta, até hoje, da enorme importância do acontecimento<sup>13</sup>.

---

monstro e espantinho moral. Também neste sentido o livro poderia ser útil: talvez evitaria que me tomassem como meu *oposto*” (Carta a Köselitz de 30 de setembro de 1888).

<sup>11</sup> F. Nietzsche, *Scritti filosofici* 1856-1864, in *Opere Friedrich Nietzsche* (a seguir OFN), I, 1, Adelphi, Milano 1998, p. 3.

<sup>12</sup> OFN I, 1, p. 15-19 (agosto de 1858).

<sup>13</sup> Ibidem., p. 54, (outubro de 1858).

Na narração sucessiva, a experiência pessoal se enriquece de detalhes da reação ao ambiente:

Para mim, foi ainda mais importante aquele ano para a doença do meu pai, que se arrastou até o fim do ano seguinte e depois se fechou rapidamente com a morte. Era uma inflamação do cérebro. [...] Mesmo que não compreendesse totalmente a gravidade do perigo iminente, ao menos a atmosfera triste e angustiada deveria me atingir de maneira inquietante. Os sofrimentos de meu pai, as lágrimas de minha mãe, o ar preocupado do médico, e, finalmente, as frases incautas dos camponeses deveriam me fazer pressentir uma desventura. E essa desventura finalmente se abateu sobre nós. Foi este o primeiro período fatal ao fim do qual minha vida tomou um outro rumo<sup>14</sup>.

Uma outra versão tentou, posteriormente, combinar as narrativas feitas sobre os elementos descritivos que caracterizavam a primeira narração, reunindo a descrição do pai, a reação do ambiente e a reação pessoal:

Meu pai ficou perigosamente doente sem que pudéssemos identificar a doença. O olhar agudo do conselheiro áulico Opolcer reconheceu imediatamente os sintomas do amolecimento cerebral. [...] Os seus sofrimentos crescentes, a cegueira iminente, a sua figura emaciada, as lágrimas de minha mãe, o ar preocupado do médico, e, finalmente, as frases incautas dos camponeses, deveriam me fazer pressentir uma desventura. E essa desventura se abateu sobre nós – meu pai morreu. A sua imagem está ainda viva frente ao meu espírito: uma figura alta e esguia, o rosto de traços delicados e tamanha gentileza de ânimo. Amado e querido em toda parte, por sua conversa brilhante, e não menos por sua participadora bondade, estimado e amado pelos camponeses, pastor beneficentemente trabalhador com a palavra e as ações, esposo muito tenro e pai amoroso na família, era o perfeito modelo de pastor do campo<sup>15</sup>.

Por fim, uma nova reescrita, repete à letra a precedente, mas a enxuga em busca do essencial, obtendo-o também graças à adição de um *incipit* de efeito e um fechamento lacônico:

Como uma planta, nasci junto ao cemitério, como um homem em uma igreja [...] O primeiro acontecimento que atingiu a minha consciência gradualmente desperta foi a doença de meu pai. Se tratava de um amolecimento cerebral. Os seus sofrimentos crescentes, a cegueira iminente, a sua figura emaciada, as lágrimas de minha mãe, o ar preocupado do médico, e, finalmente, as frases incautas dos camponeses, deveriam me fazer pressentir uma desventura. E essa desventura se abateu sobre nós – meu pai morreu. Eu ainda não tinha 4 anos<sup>16</sup>.

A descrição do luto paterno encontrará sua formulação final trinta anos depois, em plena maturidade estilística dada pela personalidade e pelo pensamento que, nesse meio

---

<sup>14</sup> Ibidem., p. 148 [maio de 1861].

<sup>15</sup> Ibidem., p. 149-150 [maio de 1861]

<sup>16</sup> Ibidem., pp. 310-311 [setembro 1863]

tempo, se tornou coeso. E Nietzsche ainda utilizará precisamente os elementos provenientes daqueles primeiros esboços autobiográficos juvenis.

Para exprimi-lo em forma de enigmas, eu, como meu pai, já estou morto, como minha mãe, vivo e envelheço. [...] Meu pai morreu com trinta e seis anos: era delicado, amável e doente, como um ser destinado apenas à passagem – antes uma bondosa recordação da vida, do que a vida mesma. (EH Por que sou tão sábio 4)

Considero um grande privilégio ter tido tal pai: dele diziam os camponeses aos quais pregava [...] que um anjo deveria ter a sua aparência. (EH Por que sou tão sábio 5)

**3.** A morte do pai marcou emotivamente o jovem Nietzsche, de um modo muito profundo. Por causa dela é que as páginas juvenis se colorem com uma tonalidade específica que mostra uma forte sensibilidade para o aspecto transitório da existência ou, pegando emprestada uma palavra freudiana, para a sua transitoriedade. Numa das primeiras ocasiões nas quais Freud enfrentou o tema do luto, numa breve nota redigida em 1915 e intitulada *A transitoriedade* [*Vergänglichkeit*], relata um passeio realizado durante a primavera junto a um “poeta jovem, mas já famoso”. Era Rilke, provavelmente acompanhado de Lou Salomé<sup>17</sup>. Rilke admirava a beleza da natureza em primavera, mas não conseguia desfrutá-la porque tão forte quanto ela era o pensamento da iminente morte de todas as flores e cores que a paisagem mostrava. Isso levou Freud a falar de uma atitude lutuosa, que vislumbra em toda presença a aproximação da ausência e da futura perda. Freud refuta o poeta, com um argumento bem nietzschiano, convidando-o a pensar que, depois que o inverno acabar, aniquilando tudo, será outra vez primavera, numa dinâmica de criação e destruição, pela qual “esse retorno bem pode ser considerado eterno”<sup>18</sup>.

Os cadernos autobiográficos do jovem Nietzsche, fortemente impregnados pelo tom melancólico proveniente de um profundo senso de transitoriedade, mostram também a necessidade de encontrar refúgio nas duas esferas nas quais o senso de finitude se transforma na busca antropológica de eternidade: na religião e na arte.

Escreve Nietzsche aos treze anos:

Deus me guiou tão seguramente, como um pai ao seu frágil filho. Muitas dores Ele já infligiu em mim, mas em toda parte reconheço com veneração a Sua majestade,

<sup>17</sup> S. Freud, *A transitoriedade* (1915). In: *Obras completas*, vol. XII. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 247-252. A passagem narrada por Freud aconteceu em 1913, durante férias transcorridas junto a San Martino di Castrozza (cf. E. Jones, *Vita e opere di Freud*. Milano: Il Saggiatore, 1962-64, vol. 2, p. 130). Embora Freud não explicita os nomes dos presentes, pesquisas sobre o conhecimento que Freud teve de Rilke indicam com segurança que se trata deste último. A presença de Lou Salomé, por sua vez, é um dado não totalmente certo.

<sup>18</sup> S. Freud, *A transitoriedade*, cit., p. 249.

que soberanamente comanda todas as coisas. [...] Eu me confio como uma criança à Sua graça [...] Seja feita a sua vontade!<sup>19</sup>

Palavras de um Nietzsche, à época, sinceramente crente<sup>20</sup>, mas que simultaneamente mostra predileção pela via da arte, em particular da poesia e da música. Numerosas são as linhas que repetem o mesmo olhar que Freud contestará ao jovem poeta Rilke. Como Rilke, Nietzsche, em uma nota, escreve de si como “não ser alguém que vê fugir a primavera sem chorar”<sup>21</sup>. Em razão do décimo quinto aniversário, ele diz ter se tornado “mais velho. – O tempo se esvai como a rosa de primavera, e o prazer como a espuma do riacho”<sup>22</sup> e busca elevar tal transitoriedade à sensibilidade artística por meio da linguagem da poesia. Também nesta esfera encontramos a mesma dinâmica de *escrita* e *reescrita* do mesmo tema, já sinalizada a respeito do dado autobiográfico:

Não estás, mundo, finalmente cansado, nada criais que possa durar;  
quanto desabrochar e em flores esplêndidas deverá imediatamente desaparecer  
entre o dançar dos nuncas, colheis rosas de rubor irradiantes;  
colhei, então, a minha vida que por hora se abre [...] vejo em prantos, última rosa, o teu desabrochar e murchar,  
com vós vivo e murcho, com vós quero reflorescer!<sup>23</sup>

Observando a experimentação da pluralidade de estilos e a repetição do mesmo em busca de encontrar o melhor meio expressivo, com os quais Nietzsche percorreu o caminho do conhecimento de si, é possível obter também um outro elemento determinante na construção do eu.

Se a busca estilística é parte constitutiva do processo expressivo – e, portanto, cognoscitivo –, se a forma se torna de tal modo ela mesma conteúdo e não adição a ele,

<sup>19</sup> OFN, I, 1, p. 46 (1858)

<sup>20</sup> O mesmo Nietzsche comenta: “nestas páginas, escrevi de acordo com a verdade, sem invenções nem ornamentos poéticos” (Ibidem., p. 47).

<sup>21</sup> Ibidem., p. 107 (agosto-outubro de 1859).

<sup>22</sup> Ibidem., p. 116 (agosto-outubro de 1859).

<sup>23</sup> Ibidem., p. 93 (agosto-outubro de 1859). Para outras variações poéticas sobre o tema: “Caem as folhas sob a terra / apanhadas pelo vento / E esfacela a vida / Com seus sonhos se transforma!” (Ibidem., p. 84. Parafraza *dell’Herbstlied* di S.A. Mahlmann: “Caem as folhas sob a terra / mantenha as folhas de verão! / A vida com seus sonhos / se desfaz em pó e cinzas!”; cf. Ibidem, nota 84, p. 506); “Quando olho a púrpura ardente do sol matinal provo sempre um infinito prazer; uma vez que o flamejante rei da luz passa ao centro do dia nascente. Mas ao cair da noite a minha alma se entristece. Quando olho as nuvens rosadas, o leve balanço das rosas e ouço ressoar os trêmulos suspiros dos rouxinóis entre as guirlandas de lírios, então exclamo tristemente *sic transit gloria mundi!*” (Ibidem., p. 92); “A minha alma deve viver uma perpétua primavera, porque com o desvanecer da rósea estação das flores, terá fim também a minha existência. Que dor lastimar a primavera sobre a terra, mas quão mais amarga é esta perda!” (Ibidem., p. 101); “Desvanecer deve a vida / E a rosa murchar / Se desejais vê-la um dia reflorescer” (Ibidem., p. 106); descrevendo as sensações da primeira viagem de trem: “a percepção de cada imagem é precisamente momentânea, mas também a nossa vida nada mais é que um transcorrer fugaz, privado de estabilidade, e podemos nos sentir afortunados quando se apresenta assim, na sua mais bela flor” (Ibidem., p. 110-111).

conhecer a si mesmo é também, concomitantemente, dotar-se de um estilo, *se* construir o próprio estilo para *se* conhecer por meio dele e nele: é a “escrita” (grafia) que é sufixo da auto-bio-grafia.

Em *O andarilho e sua sombra*, Nietzsche insistirá na ligação entre conhecimento e construção do meio estilístico:

Escrever melhor significa simultaneamente pensar melhor (HH II AS 87).

Melhorar o estilo – significa melhorar o pensamento, e absolutamente nada mais! – Quem não o admite de imediato, não pode nem ser convencido disso (HH II AS 131).

Eis, então, que o escrever melhor para pensar melhor, ou seja, para conhecer melhor, revela uma dimensão que resulta imprescindível no processo cognoscitivo autobiográfico: escrever de si para conhecer a si mesmo significa necessariamente também dirigir o próprio pensamento para a própria escrita. Deste modo, a *Selbstbildung* (autoconstrução, autoformação) deve passar também pela *Selbstkritik* (autocrítica). O processo cognoscitivo da autobiografia se constitui também mediante a *autocrítica* estilística da própria escrita.

Compreendem-se assim, e ganham relevância, não apenas as numerosas reflexões juvenis a respeito do estilo em geral, mas sobretudo as contínuas autocríticas ao próprio estilo que povoam os cadernos autobiográficos nietzschianos. Nestes, encontramos um estilo que, por mais surpreendentemente elegante e maduro – quando se pensa que são escritos por um “guri” – se move inicialmente na mera imitação dos *clichés* e dos estereótipos expressivos da época, descrevendo o riacho infalivelmente “prateado” e “murmurante”, as “montanhas azuladas”, a paisagem que não pode não ser embelezada pelo “canto dos rouxinóis”. Mas encontramos também páginas rasgadas, após as quais se vê escrito: “mais uma vez escrevi grandes bobagens (das quais este caderno está cheio). Relendo-as, arranquei as folhas”<sup>24</sup>. E logo a reflexão autocrítica se junta à convicção do erro da “idealização romântica” e da esterilidade das descrições naturalísticas, interrogando-se, em contrapartida, sobre como poder ultrapassar o limite que separa o escrito sempre “insípido [...] com relação à palavra viva”<sup>25</sup>.

**4.** Um exemplo da precoce autocrítica estilística que caracterizou o jovem Nietzsche pode ser mostrado com maior clareza observando as análises que ele dedicou às próprias poesias. O

<sup>24</sup> Ibidem., p. 116.

<sup>25</sup> Ibidem., p. 139.



desejo de escrever em verso, relata, nasce nele aos 9 anos de idade. Aos 14 anos, é capaz de identificar, na própria evolução estilística, três períodos distintos. No primeiro período, dos 9 aos 11 anos, afirma ter escrito as próprias poesias sem “ter ideia de como se imita um poeta, e escrevia assim como me ditava o coração”<sup>26</sup>. O juízo a respeito do início da própria atividade poética é seco: “todas as poesias mostravam durezas linguísticas”<sup>27</sup>, “poesias desajeitadas e grosseiras quanto à forma e conteúdo”<sup>28</sup>, sem ser possível encontrar nelas “uma só centelha de poesia”<sup>29</sup>.

No segundo período, dos 11 aos 13 anos, Nietzsche tentou corrigir os defeitos do primeiro, avaliando, entretanto, ter incorrido no erro oposto: “me esforcei para escrever em uma língua adornada e brilhante. Mas a elegância se transformava em afetação e a linguagem brilhante em ornamento retórico”<sup>30</sup>. A autocrítica deste segundo período leva, porém, Nietzsche a fixar um dos princípios centrais daquilo que será a sua concepção estética também de adulto e em base a qual lançará muitas das críticas futuras ao romantismo artístico, ao seu irracionalismo e à consequente busca por impacto:

Uma composição poética, para ser perfeita, deve ser a mais simples possível, mas conter verdadeira poesia em cada palavra. Uma poesia privada de conceitos mas coberta de frases e imagens é uma maçã vermelha por fora que, em seu interior, tem um verme. [...] Na composição de uma obra é necessário contemplar sobretudo os conceitos; uma negligência no estilo se perdoa mais facilmente que uma ideia confusa. [...] A juventude, que ainda carece de pensamentos próprios, busca acobertar a sua carência de ideias em um estilo esplêndido e retumbante<sup>31</sup>.

O terceiro período, dos 13 aos 14 anos, ou seja, aquele no qual Nietzsche escreve essas observações, é marcado pela tentativa de encontrar um equilíbrio entre a espontaneidade do primeiro e a busca técnica do segundo e, ao mesmo tempo, pela vontade de corrigir o vazio conceitual que foi censurado pelo que ele julgou ser um meio eficaz para alcançar um mais alto plano da própria expressão poética. Se Descartes havia sustentado – e tal será a opinião do romantismo até os nossos dias –, que a poesia é unicamente fruto de uma dádiva

---

<sup>26</sup> *Ibidem.*, p. 25

<sup>27</sup> *Idem.*

<sup>28</sup> *Ibidem.*, 30.

<sup>29</sup> *Ibidem.*, 26

<sup>30</sup> *Ibidem.*, 30.

<sup>31</sup> *Ibidem.*, p. 42-43. Encontramos aqui a primeira crítica à música do futuro, “moderna” (neste caso, ainda Listz e Berlioz, logo entrará também Wanger), dado que, à consideração sobre o estilo pomposo como meio artístico para esconder a carência de ideias, Nietzsche acrescenta: “Nisso não se assemelha a poesia à música moderna? Também a partir dessa se evoluirá rapidamente uma ‘poesia do futuro’. Usando-se as imagens mais rebuscadas; os pensamentos confusos serão sustentados por temas obscuros mas grandiloquentes”.

espontânea do engenho e não tem nada a ver com o estudo<sup>32</sup>, o Nietzsche “guri”, também na poesia, compreende que a via para alcançar uma elevação de um estado presente é aquela da autoconstrução, ou seja, do exercício, da repetição voltada para a superação, em uma palavra: é a via do trabalhar:

No terceiro período, tentei conciliar o primeiro com o segundo, ou seja, unir o vigor à graça. Esse período teve início em 2 de fevereiro de 1858 [...], a partir daquele momento me propus a me exercitar um pouco mais na arte poética, e, se conseguisse, a escrever possivelmente uma poesia por noite<sup>33</sup>.

Assim os cadernos dessa época começaram a se encher de versos, de variações sobre a mesma poesia, de numerosos registros das composições escritas desejando controlar a constância do trabalho imposto. É o que ele explicita em uma outra nota autobiográfica sobre as próprias poesias, poucos anos mais tarde:

Peço antecipadamente não pretender tomar essa minha fala sobre minhas poesias como sinal de vaidade, de me pretender passar por interessante. [...] Ao contrário, me proponho mostrar não como se nasce poeta, mas *como se o torna*, isto é, como o trabalhoso fabricante de rimas, com o desenvolver de seus dotes espirituais, pode finalmente se tornar um pouco poeta também ele<sup>34</sup>.

Já ecoa aqui o célebre “tornar-se aquilo que se é”, de *Ecce Homo*; e está plenamente prefigurada aquilo que será a polêmica contra a metafísica do gênio da arte romântica de *Humano, demasiado humano*, a refutação das interpretações da obra de arte como inspiração milagrosa quando, na verdade – como Nietzsche mostrará por meio do exemplo das anotações de Beethoven – “a improvisação artística se encontra muito abaixo do pensamento artístico selecionado com seriedade e empenho. Todos os grandes foram grandes trabalhadores, incansáveis não apenas no inventar, mas também no rejeitar, eleger, remodelar e ordenar” (HH I 155)<sup>35</sup>.

5. Há um outro precioso elemento que é possível evidenciar continuando a observar a poesia para ilustrar, de maneira geral, o percurso que, da autobiografia, conduz ao conhecimento de si mesmo, da construção de si à expressão de si, por meio do trabalho sobre meios expressivos do si mesmo e a autocrítica deles. É em virtude de tal autocrítica que ganha forma também uma das principais características de Nietzsche – a saber, a *capacidade crítica*.

<sup>32</sup> R. Descartes, *Discurso sul método*, I, § 6.

<sup>33</sup> *OFNI*, I, p. 42.

<sup>34</sup> *Ibidem*, p. 257 (grifo nosso).

<sup>35</sup> Veja-se também HH I 145 e os póstumos FP 1887 22 [36], 24 [45].

Diversos exemplos, sobre uma diversidade autores e leituras, poderiam ser tirados dos cadernos autobiográficos juvenis nietzschianos, mas talvez o mais claro seja aquele representado pelo caso de Friedrich Hölderlin. Tendo partido da autocrítica às próprias poesias, da carência de conceitos e pensamentos que lhe pareciam insatisfatórios aos próprios olhos, ter elevado isso para o princípio estético do julgamento, permitiram-lhe descobrir um poeta “que a maior parte dos seus compatriotas mal conhece de nome”. O jovem Nietzsche reconheceu nos versos de Hölderlin um teor conceitual que o impediu de julgá-lo com “insuficiente conhecimento filosófico” e o indicou com segurança como “o meu poeta preferido”. Para dissipar um “absurdo preconceito contra Hölderlin”, escolheu, em outubro de 1851, aos 17 anos, o autor de *A morte de Empédocles* como tema de um trabalho de literatura apresentado em Pforta, demonstrando com isso uma capacidade crítica capaz não apenas de ir além do senso comum do próprio tempo (o professor de literatura avaliou negativamente o trabalho escrevendo “devo amigavelmente aconselhar o autor a ocupar-se de um poeta mais sadio, mais claro, mais *alemão*”<sup>36</sup>), mas também de antecipar de longe os juízos futuros, uma vez que Hölderlin ainda teve que esperar várias décadas antes de obter o devido reconhecimento e mais de meio século até receber atenção por parte da história da filosofia com os trabalhos de Walter Benjamin (1913), Ernst Cassirer (1918), Martin Heidegger (1934), Theodor Adorno (1964).

Tal capacidade e precocidade crítica nietzschiana, proveniente da autocrítica voltada ao conhecimento de si mesmo como construção de si no seio das reflexões autobiográficas, é um dos dados mais evidentes que emerge das autobiografias juvenis, sendo encontrada em todas as principais direções sobre as quais prosseguiu o amadurecimento do Nietzsche guri. Pode ser notado por meio da atividade e conhecimento musical, ou no lento aperfeiçoamento do senso histórico ou psicológico, ou ainda no progressivo distanciamento das crenças religiosas, ou na construção da próprio bagagem cultural e de estudioso. Não é por acaso, portanto, que precisamente a partir de uma das autobiografias juvenis, interrogando-se sobre o que e quanto de causalidade, de escolha ou de destino<sup>37</sup> tivemos sobre nosso próprio crescimento, Nietzsche sentiu a necessidade de aprofundar a questão em termos gerais e

---

<sup>36</sup> Notas a *OFN* I, 1, p. 512. Sobre a hipótese de plágio, no ensaio nietzschiano, do texto de William Neumann, *Moderne Klassiker. Deutsche Literaturgeschichte der neueren Zeit in Biographien, Kritiken und Proben, Friedrich Hölderlin*, Cassel 1853, hipótese que, mesmo estando correta, não alteraria as considerações desenvolvidas aqui, veja-se T.H. Brobjer, *A Discussion and Source of Hölderlin's Influence on Nietzsche. Nietzsche's use of Neumann's Hölderlin*. In: *Nietzsche-Studien*, XXX (2001), Beiträge zur Quellenforschung: Abhandlungen, p. 397-412. Agradeço Clademir Araldi pela indicação.

<sup>37</sup> *OFN*, I, 1, pp. 147-148.

escreveu dois breves ensaios sobre o tema, que hoje são considerados como seus primeiros trabalhos de caráter filosófico: *Fatum e história* e *Liberdade da vontade e fatum*, de abril de 1862, confirmando mais uma vez a essência filosófica da prática autobiográfica em Nietzsche.

Durante a redação de sua última biografia, nos últimos momentos que precederam o obscurecimento, Nietzsche substituiu o parágrafo referente ao pai. A versão precedente, que foi encontrada entre as anotações dizia: “Meu pai, nascido em 1813, morreu em 1849. [...] Considero um grande privilégio ter tido tal pai: parece-me que isso explica todos os outros privilégios que tive, *exceto* a vida, o meu grande *sim* à vida”<sup>38</sup>. O grande *sim* à vida pertence, portanto, não àquilo que se é de nascença, mas àquilo que, por meio de um processo de autoconstrução, se torna. Em tal processo, para Nietzsche, o elemento autobiográfico teve uma importância primária, demonstrando que é possível se tornar aquilo que se é apenas ao fim de um longo e árduo caminho, feito de reflexões, autoconhecimento, autocrítica e, sobretudo, de muito, muito trabalho.

### Referências bibliográficas

BROBJER, T. H. “A Discussion and Source of Hölderlin’s Influence on Nietzsche. Nietzsche’s use of Neumann’s Hölderlin”. In: *Nietzsche-Studien*, XXX, Beiträge zur Quellenforschung: Abhandlungen, 2001.

DESCARTES, René. *Discurso sul método*. Trad. it. Guido Ruggero. Milano: Mursia 1991.

FREUD, Sigmund. “A transitoriedade”. In: *Obras Completas*, vol. XII. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

JONES, Ernst. *Vita e opere di Freud*, vol. 2. Trad. it. A. Novelletto. Milano: Il Saggiatore, 1962-64.

KAFKA, Franz. *Aforismi e frammenti*. Trad. it. Elena Franchetti, Milano: BUR, 2004.

MONTAIGNE, Michel de. *Saggi*. Trad. it. Fausta Garavini, Milano: Editora, 1992.

NIETZSCHE, Friedrich. *Aurora*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. *Ecce Homo*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

\_\_\_\_\_. “Scritti Giovanili 1856-1864”. In: *Opere Friedrich Nietzsche*, I, 1. Milano: Adelphi, 1998.

<sup>38</sup> OFN, VI, 3 p. 594.

\_\_\_\_\_. *Frammenti postumi*. Testo stabilito da Giorgio Colli e Mazzino Montinari. Milano: Adelphi, 1964 e seg.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Origine della disuguaglianza*. Trad. it. Giorgio Preti, Milano: Feltrinelli, 2013.